

A BRICOLAGEM DO GÊNERO: NOVAS GRAMÁTICAS CORPORAIS E SEXUAIS NA ESCOLA

Autor (1) Rafaella de Sousa Silva; Co-autor (2) Ciro Linhares de Azevêdo

Autor (1): Rafaella de Sousa Silva, Mestre em História - Universidade Federal de Campina Grande–UFCG, lela_cubati@yahoo.com.br

Co-autor(2): Ciro Linhares de Azevêdo, Mestre em História - Universidade Federal de Campina Grande–UFCG, ciroufcg@hotmail.com

Resumo

Esse artigo objetiva analisar, como foram significadas e ressignificadas, identidades de gênero e sexualidades, no cenário escolar cubatiense, dos anos de 1980 aos dias atuais. Para esse momento, a pesquisa foi desenvolvida com uma ex-aluna e professora da escola, e a partir de suas histórias de vida, contadas por meio de entrevista oral gravada, fazemos um exercício de (des)construção de concepções discursivas, experienciadas nos corpos que dão vida a escola. Nesse sentido, houve um esforço, para mostrar que categorias como gênero, identidade e sexualidades se alteram no tempo, modificando assim as novas cartografias de pedagogizações e a própria escola. Assim, se problematiza como a escola se tornou uma instituição que marca o silêncio, a disciplina e os dispositivos sobre sexualidades. Para tanto dialoguei teoricamente com Michel Foucault, para pensar “a ordem do discurso” e das sexualidades, somando contribuições de teóricas como Judith Butler e Guacira Lopes Louro de forma mais próxima. Arregimentando questões de gênero, sexualidades e identidades que vem sendo vertiginosamente problematizadas. Demonstrando a urgência de uma reconfiguração do espaço escolar. E a parceria fortuita com o campo da história oral para esse debate.

Palavras-chave: Escola, Gênero e sexualidades.

1 Introdução

Nesse texto, buscamos traduzir palavras ditas em palavras escritas, transversalizadas por sens(ações), sentimentos e espacialidades particulares, compartilhadas pelo coletivo, envolvendo uma tarefa árdua no trato das fontes ditas e transcritas. E se tratando de contextos comuns ao *que se escreve* e *a quem escreve*, talvez na complexificação do simples tenha sua expressão potencializada, no jogo da pretensão de distanciar-se daquilo que é próximo. Referimos-nos aqui a utilização de entrevistas orais realizadas com sujeitos escolares, sendo esses, alunos e alunas, professores e

professoras, diretores e secretários, de uma escola municipal da cidade de Cubati-PB, a escola Padre Simão Fileto, cenário no qual convivemos há duas décadas.

Por se tratar de uma pesquisa que trabalha com memórias sobre relações de gênero e sexualidades, nesse cenário escolar entre a década de 1980 e os dias atuais, tivemos o cuidado de entender que “a característica da História do Tempo Presente consistiria naquilo que se pode chamar de unidade temporal do sujeito e do objeto, daquele que estuda e o que estuda.” (LAGROU, 2007, p. 36). Seria tudo tão próximo que a escrita transpassa *o que se escreve* e *quem escreve*, pesquisadores se tornam parte da própria narrativa em construção. Mas independente dessa “unicidade” de tempo, o que construímos ao fazer história se não nos permitirmos estar nas narrativas por meio das escolhas feitas, caminhos traçados e escrituras construídas?

Nesse sentido, o desafio de trabalhar questões tão políticas, quanto polêmicas, como relações de gênero e sexualidades no chão da escola, nos dias atuais tem exigido um esforço ético e de resistência diante de inúmeros ataques, inclusive por parte de bancadas políticas do Congresso e Senado Federal brasileiro, envolvendo diretamente a proibição de políticas que discutam diversidades nas escolas, incluindo o que já se denomina por “ideologia de gênero”. Logo, esse texto, mesmo revisando histórias de vida dos finais dos anos 80 e início do século XXI, apresentará em seu decorrer, formas de dar-se a ver e sentir o mundo a partir de uma leitura sensível e forte, que visa desconstruir estereótipos e preconceitos que vão do caráter performático do gênero aos estigmas no normal-anormal dos sexos e das sexualidades. Logo, é um convite a academia, mas também ao que extrapola a essa, a revisitar lugares, gestos, ditos e costumes aparentemente banais e naturais do dia a dia da escola, espaço de passagem e (de)formação, de forte impacto intersubjetivo nos sujeitos que a vivenciam.

2 Ouvindo e escrevendo memórias escolares

A aproximação com a História Oral nos permitiu narrar histórias que só memórias íntimas e particulares conheciam. Aproximamos-nos como ouvidos, na escuta de Valquíria¹, que a partir da entrevista a nós cedida em dezembro de 2012, nos permitiu adentrar *o mundo que conta, no mundo*

¹ A entrevista referida faz parte do contexto maior de entrevistas realizadas para contribuir com a produção da dissertação defendida para o Mestrado de História da Universidade federal de Campina Grande (UFCG), intitulada: “Gênero e Sexualidades em Intersecção e Mo(vi)mento nas escolas cubatienses - PB”. Valquíria é Graduada em História pela UFCG, atuava na Secretaria de Ação Social da Prefeitura Municipal de Cubati, já atuou como professora de História do quadro da EMEFM Padre Simão Fileto, por quatro anos (2004-2008), foi aluna da referida escola no decorrer do Ensino Fundamental e Médio, e nos cedeu sua fala no dia 15/12/2012. Hoje é professora de História pelo município de Pedra Lavrada-PB.

em que conta, tomando de empréstimo Hartog e sua rica narrativa da alteridade em “O espelho de Heródoto”. Buscamos fabricar alteridade a partir de Valquíria e de suas experiências de vida na escola, enriquecidas por uma vida de lembranças, nem sempre fáceis de serem lembradas.

Salientando que o sujeito de lembranças, “antes, envolve a certeza de que ele parte do presente e que a memória – que se é lembrança é também esquecimento – modifica-se sempre que novas experiências se somam às já existentes” (Müller, 2007, p. 80). E tão importante quanto lembra-nos Rousso (2007, p. 289), diretor do IHTP, é necessário diferenciar “fonte oral” de “História Oral”, muitas vezes tendo esse último agido na submissão dos atores históricos pela lógica do discurso historiográfico.

E ainda sob essa conversa, nos aproximaremos da “fonte oral”, no intuito mesmo de produzir “História Oral”, relendo os lugares, percebendo as mutabilidades emergidas nas cenas apresentadas. Onde cada ato é único; mas não virginal, pois ao falarmos e ao ouvirmos, somos reinterpretados de falas que nos precederam, dadas novas entonações, aplicadas a novos contextos. Somos intertextos ininterruptos, e entendemos esse espaço operacional do “*ver, ouvir e contar*” como espaço de possibilidade de construção do discurso historiográfico.

Sendo assim, do momento em que convidamos Valquíria, a saber, já aluna e professora da escola Padre Simão Fileto (Cubati-PB), para nos narrar lembranças emergidas por meio de sua memória escolar, passeando por suas microexperiências, na intenção de lançarmos mão dos contextos com os quais dialoga, muitas das suas angústias e percepções de vida emergiram, contando ao mesmo tempo histórias de si, histórias dos outros, histórias nossas, também, porque não? É nesse diálogo que aglutinamos nossos interesses as percepções das relações de gênero e sexualidades presentes no cenário escolar, apresentado em sua fala;

Meu nome é Valquíria Lopes, tenho 39 anos, e falando do espaço já, eu vivenciei o espaço na década de 80, aquele espaço né, que foi quando eu fiz de 5ª a 8ª série, foi bem na década de oitenta mesmo, entre 86/88. E na época, lá naquela escola, eu fui intitulada como sapatão, na infância, por um simples detalhe, eu gostava muito de calça, e na verdade eu nem gostava tanto de calça, eu tinha um problema de ferimentos nas minhas pernas por conta de alergia e aí eu tinha muita vergonha de mostrar minhas pernas, acho que até hoje eu tenho, por isso que eu uso tanto saia. E como as pessoas sempre me viam de calça, e naquela época a calça era muito direcionada ainda ao homem, eu quase nunca estava de saia, então as pessoas achavam que eu era sapatão, porque nem se chamava lésbica, naquela época aqui em Cubati, era chamado sapatão mesmo né (risos)[...].

Sobre tais colocações que correlações podemos estabelecer entre as representações sociais e as distribuições dos sexos dentro e fora da instituição escolar? Até por entendermos que se tal fala inicia pelo apontamento como “sapatão”, a mesma estabelece uma ponte com as *marcas* que forjaram a identidade de Valquíria como “não-mulher” a partir talvez do que Judite Butler (2003) entende por performatividade. Categoria aqui usada, por ser entendida como um conjunto negociável de atos, gestos, jeitos e trejeitos que moldam, no olhar do outro, e em nós mesmos, percepções de masculino e feminino.

Elastecendo a isso, “por sua vez, Stuart Hall diz que na ótica dos Estudos Culturais as sociedades capitalistas são lugares da desigualdade no que se refere à etnia, sexo, gerações, classes, sendo a cultura o *lócus* central em que são estabelecidas e contestadas tais distinções” (Costa, Silveira, Sommer, 2011, p. 38). Logo, é pela cultura que se abrem padrões de exclusão e aceitação, e a escola é um lugar especificamente profícuo para explosão de emoções nesses jogos de excluir para incluir, inclusive, também, pelo fato de ser um dos espaços que consome do tempo do sujeito, muitas vezes, mais que qualquer outra atividade diária, na rotina que se forja e nas relações construídas a partir dela.

A identidade é entendida por Thomaz Tadeu (1999) como *relacional*, histórica e discursivamente construída, assim como o racismo e certos estereótipos que devem ser compreendidos não como um preconceito individual; mas, muitas vezes, dentro de uma gama mais ampla de estruturas discursivas, e institucionais. O preconceito individual não deve ser negado, mais entendido dentro de um contexto macro pela dinâmica psíquica dos cenários sociais observados e narrados.

Valquíria também narrou-nos, que passou pela necessidade de ter que sair da escola na década de 1980 voltando apenas em 2000 para concluir o que hoje seria o Ensino Médio. E nesse entremeio, morou fora de Cubati e retornou com vontade de concluir o Ensino Básico e angariar uma vaga na universidade. E conta-nos que ao retomar os estudos em Cubati;

[...] No 1º, 2º 3º ano, 2000, 2001, 2002 né, e lá nos tínhamos o contato com um professor que era Walber, e eu me tornei muito próxima de Walber, e era engraçado porque, e era ao mesmo tempo estranho, porque Walber ele tentava esconder a sexualidade dele, até se relacionando com meninas, porque havia um grande preconceito na escola e o medo de isso ser levado pra um outro tipo de relacionamento, porque ele tinha medo de perder o respeito como professor. Mais no meio sempre havia uma piadinha, dos alunos, de algum aluno, de bicha, de viado, ou então quando tirava uma nota menos boa é, quando Walber não estava na sala, havia esse comentáriozinho tal [...] E aí Walber passou o ano inteiro é, com esse lance de até se envolver com algumas meninas pra esconder ainda mais, camuflar ainda mais a sexualidade dele, no ano 2000 ele não se revelou tanto, mais aí agente tava no 2º Ano, e dentro da escola eu lembro pouquíssimo de meninos que tenham se revelado, embora eu lembre que havia muitos

meninos que sabíamos que tinham o contato homossexual, mais que não deixava revelar de forma nenhuma né. Havia inclusive no meio das conversas, o tipo assim: *eu como, então se eu como eu não sou homossexual, eu sou o que como né*, então numa palavra bem de baixo escalão, como era dito no meio do círculo de conversas né. Então era assim, eu não sou homossexual, porque quando eu tenho uma relação com outro homem sou eu que como, sou eu que penetro, então eu não sou homossexual, o que não é verdade né, mas bom. Era a justificativa dada nos meios de bate papo né, então durante o período eu lembro de pouquíssimos meninos, se colocarem como tendo relação com outros homens né. Homem com homem ou mulher com mulher.

Como podemos ver a partir de linguagens e discursos que temos acesso, as mudanças nas leituras de sexualidades - também – dão tom às relações escolares e contam experiências da própria cidade. Vejamos: Como vem sendo modificadas, se modificadas, as relações de gênero e sexualidades nos cenários cubatienses no decorrer das três últimas décadas? Por outro viés, como estão sendo vivenciadas relações de amizade, prazer, amor e convivialidade, para além das escolhas sexuais que são traçadas nas experiências escolares?

Na fala de Valquíria, percebemos um percurso pelas relações de gênero e sexualidades, que nas últimas três décadas, envolveram direta ou indiretamente os cenários escolares cubatienses e os rearranjos dessas categorias. Podemos salientar na esteira de Thomaz Tadeu a ausência de um cuidado sistêmico no trato das relações de gênero e sexualidades na escola. Pois “a sexualidade, embora fortemente presente na escola, raramente faz parte do currículo” (TADEU,1999, p. 108).

E quanto a essa questão curricular, não se trata apenas de incluir conceitos biológicos, ou temáticas sexuais como sugeri Deborah Britzman (1999), posto que às categorias heterossexual tolerante e homossexual tolerado ainda é pouco, assim como as aulas de ciências ou biologia sob um currículo fechado, não dão conta dessas relações maiores que circundam a escola, a anatomia e a vida de seus transeuntes. E nesse sentido concordamos com esses autores, que o silêncio tem dominado a cena e, permitido preconceitos vários de reproduzirem em uma naturalidade preocupante.

E sobre ainda essas questões, quais marcas temporais narradas por Valquíria passam por naturais mesmo sendo aparatos e artefatos culturais? Quando nos diz: *embora eu lembre que havia muitos meninos que sabíamos que tinham o contato homossexual, mais que não deixava revelar de forma nenhuma né. Havia inclusive no meio das conversas, o tipo assim: eu como, então se eu como eu não sou homossexual*. O que permiti-nos sua fala? Como diria Judit Butler, o que está em jogo são os arranjos culturais com seus múltiplos disfarces de naturalidade, de uma sexualidade dita e de forma coercitiva imposta em detrimento da heterossexualidade normatizadora. Não se tratando aqui de re-polarizar as relações, engajando um discurso que retire uma sexualidade para impor

outra. O foco aqui é tentar perceber como arranjos culturais travestem-se daquilo que há de mais natural, agindo ostensivamente nos cenários sociais, como meio utilizado para nomear, classificar e excluir aqueles que não se encaixam em padrões estério-tipificados, como o heteronormativo. Fazendo da escola, para alguns, um lugar para onde não ir.

2.1 Um pé na fala, o outro na alteridade!

Hartog colocou em “O espelho de Heródoto: Ensaio sobre a representação do outro”, algo que nos parece interessante para agora, que é a negociação que a memória estabelece com o esquecimento, e ao mesmo tempo as lembranças selecionadas e contadas para dar conta de uma temática antes apresentada pelo pesquisador. Ou seja, as marcas não são lineares. A complexificação das relações que envolvem aquele que narra, aquele que é narrado e aquele que de fora ler a ambos não cabe em caixinhas de explicações lineares. Pois além da relação que será sempre única, e ressignificada no momento da entrevista, vem você leitor, que monta a terceira via. Ou seja, são muitos acessos no narrar, e em qualquer um deles o espaço entre escritor e leitor deve ser sensivelmente lembrado.

As marcas que possibilitam a narrativa histórica fazem parte do cotidiano tanto do escritor quanto daquele que possibilita sua escrita por meio da narrativa. “Nas histórias, tudo se passa, antes de tudo, entre estas quatro marcas ou estas quatro operações: *eu vi*, *eu ouvi* – mas também *eu digo*, *eu escrevo*” (HARTOG, 1999, p. 228). A narrativa busca fazer conhecer, ver e rever nos olhos e pelos olhos do outro. Então vejamos como Valquíria operacionaliza essas quatro marcas;

[...] Então, como professora, depois que eu sai, em 2003 eu entro como professora, ainda tava muito básico, muito camuflado tudo isso, mais a partir de 2005 mais ou menos, agente começa a detectar alunos ou alunas que já se revelam na sala. Já colocam que se interessam, alunas que se interessavam por meninas, alunos que se interessavam por meninos. Então isso começa a partir de 2005 com mais frequência, e aí talvez mesmo por estar na postura da professora, eu consiga ver um todo talvez, mais realmente enquanto aluno nós, eu quase não identificava né [...]

Que momento é esse que se consegue estabelecer pelo *olho*, as mudanças nas posturas e escolhas sexuais que passam a se redesenhar na sala da professora Valquíria que essa enquanto aluna não enxergava? Acrescendo ao que *viu* e o que *ouviu* quando colocava que alunas já se interessavam por meninas, alunos já se interessavam por meninos. No mais, por meio de astúcias, Valquíria consegue ativar lembranças que remontam práticas e códigos culturais que serviram para

releitura dos próprios sujeitos, também alunos sexualizados. E após operacionalizar e dizer-nos, sem preestabelecer divisões, é nosso momento de se lançar na gama rica do *ver, ouvir e dizer*, por nós apontados, para formular a escrituração desses momentos, atividades que são concomitantes e coextensivas, somadas, para possibilitar a formulação da quarta operação, a qual já vem se construindo desde o início desse texto, por meio do "*eu escrevo*". Operações que recaem no "rito da mortificação" descrito por Certeau.

Ou seja, a partir da fala de Valquíria, podemos *dizer* que na transição entre aluna e professora na escola, em um curto período de tempo, os trejeitos, afetos e gostos na sala de aula cubatiense, rompem normas heteronormativas, ousando a visibilidade, talvez contextualizados historicamente a um cenário mais amplo. Posto que, as relações amorosas e midiáticas assumem espaços de uma forma nova, e ao mesmo tempo assustadora, como propõe Guacira Lopes Louro, quanto mais o público gay "saia do armário", se permitia conquistar lugares que lhes eram negados, correndo o risco de serem vexaminados e excluídos de muitos círculos, inclusive nas escolas, que muitas vezes inclui para excluir, e cabe aos diferentes educadores a agência de perceber e questionar as coerções heteronormativas, para rachá-las.

3 A escola e seus transeuntes

Marisa Vorraber e Mariangela Momo montaram um artigo intitulado "Sobre a 'conveniência' da escola", para uma edição da Revista Brasileira de Educação do final de 2009. E propositadamente busquei nessas autoras, o que chamarei aqui de *olhar comum* na perspectiva de análise. Pois de forma bastante sábia, as autoras colocaram que "sendo a escola um lugar na cultura, um lugar onde a cultura circula, onde se produz e consome cultura, a escola também começa a ser posicionada em relação a esse novo jeito de a cultura operar e também ensina muito sobre nosso período histórico", assim como acrescenta que a escola ensina "sobre novas funções e significações da escola na ordem contemporânea orientada para e pelo mercado".

Venhamos e covenhamos, essa articulação entre o espaço escolar e o cenário macro que a circunda é necessária, permitindo a contingência de correlações existentes entre esses. E para tanto insistimos: A escola é coextensiva a comunidade, e ambas são espaços de produção de saberes, sistêmicos ou não, que dão sentido aos sujeitos que se constroem dentro de práticas cotidianas praticamente incapituráveis. Por isso, o que visamos aqui, é contar o que nos contam, sob negociações teórico-práticas que visam o que está na surdina das produções que tratam os espaços

escolares e seus sujeitos. O que geralmente é o não-dito, ou dito de forma pormenorizada. Citado, mais não trabalhado, a saber, as relações de sexualidades e as leituras de gênero aglutinadas a essas. Nesse sentido, entendemos a fala que se segue, como um auspicioso meio de aproximação com nossos interesses;

[...] Uma vez na turma que era do sétimo ano e que tínhamos Altemir como aluno né, e Altemir ele foi um dos primeiros gay a se declarar completamente né, e a se vestir inclusive com saia e tal. Então Altemir ele era um aluno muito, muito participativo e isso incomodava os outros alunos porque os outros alunos, principalmente aqueles que não gostam de participar, que não gostam de estar na aula de verdade, quando Altemir perguntava algo da disciplina os outros o atacavam, ou com um comentáriozinho baixinho, ou isso é coisa de veado, também veado se mostra em tudo, então agente via muito isso. Chegou um momento em que Altemir sentia meio que vergonha de perguntar, ele queria participar da aula mais ele se sentia um pouco inibido é, coagido por conta de algumas pessoas e, aí agente montou um projeto que era sobre DST, ele foi montado a partir de um comentário de que a AIDS seria passada pelos viados né, então montamos um projeto de DST para mostrar que não era bem assim. Que era passado por qualquer pessoa, e que não era porque a pessoa era homossexual que passava AIDS. E aí agente montou um projeto sobre DST, foi interessante, conseguimos atingir alguns objetivos, não todos né, mas foi bem interessante. O projeto foi montado nesse sentido e por essa discussão que surgiu no meio de uma aula. Estávamos falando de história, a disciplina era história e alguém no meio da aula falou sobre AIDS e disse que era coisa de veado e a culpa era dos veado né [...].

O que temos aqui caro leitor? [...] *Altemir ele foi um dos primeiros gay a se declarar completamente né, e a se vestir inclusive com saia e tal* [...]. Seria esse um momento de ruptura? Falando do lugar de professora, que podia *ver o todo*, como colocara em uma passagem já citada, que códigos e posturas sociais estavam em negociação naquela sala de aula de 7º Ano? Estamos falando de situações que se processam no atual século, com releituras que trazem ranços de dizer o “homossexual” como o doente, que vem de séculos atrás.

E tais colocações estão ambientadas em salas de aulas que são pontos confluentes de uma série de práticas experienciais que compartilham sentidos. E o que fazer quando algo assim é dito? Quando alguém nesse sentido é agredido? Afinal, estamos com instituições preparadas para tais questionamentos? E Thomaz Tadeu (1999, p. 79) coloca-nos que “mais recentemente, nas análises que consideram também as dimensões de gênero, da sexualidade ou da raça; aprende-se no currículo oculto, como ser homem ou mulher, como ser heterossexual ou homossexual bem como a identificação com uma determinada raça ou etnia”. Porém não se aprende ou se ensina a romper com isso, salvo raras exceções. A exemplo do projeto de Valquíria, uma ação de dar-se como desconstrução desses estigmas. O que sendo omitido pode provocar um efeito cascata de diferentes formas de violência.

Ou seja, às instituições escolares cubatienses, vem agindo sob o norte de percepções de mundo alargadas e estruturadas na quebra de *essencialismos* e de uma série de “ismos” que emergem junto a um conjunto de normas e regras sociais rigidamente construídas e expertamente passadas como dadas e naturais. Assim como Valquíria buscou de alguma forma bater de frente com essa ideia e associacionismo do gay com o aidético, outros profissionais estão agenciando uma releitura dessas identidades sexuais e de gênero? Foucault (1979) coloca em *Microfísica do poder* que as práticas de governar são múltiplas, pois as pedagogizações vão do pai de família, ao professor, que por sua vez está policiado e devedor do “outro”, que mesmo não sendo necessariamente o Estado em si, está dentro dele e da sociedade por ele gerida.

Por essa leitura, esse poder pluridimensional, presente nas relações sociais as mais variáveis, tende a intimidar por meio de um rito de vigilância presente em todos os espaços, castrador, impositivo. Pois sempre há em algum lugar alguém, que nos dirá o que fazer, ou que mesmo não dizendo, nos levará a fazer pelo medo de ser no olhar do outro julgado como o diferente, o que está fora dos padrões, o anormal. E mesmo não tendo um olhar ingênuo de que essas relações acima citadas não tem um forte peso na construção do sujeito, nas escolhas por este feitas, e nos rumos que tomamos, não associa as regras como determinantes das ações sociais.

No caminho trilhado por Certeau, e pela própria Judith Butler, todos esses aparatos coercitivos são entendidos como presentes nos mais variados setores sociais, assim como Foucault trabalha no trecho acima. Entretanto, esses autores trabalham a contrapelo de uma leitura “determinista” das ordens e normas sociais. Onde existindo as estratégias existem as astúcias para Certeau, onde existindo a regra e a norma, existem seus contrários na leitura de Butler. Talvez nenhum desses tenha conseguido ler a sociedade nas suas condições psíquico-sociais distantes das relações que buscam dar controle. Mas, inclusive Foucault, nos seus últimos ensaios já lia a norma a contrapelo.

Por que me aproximo destes para contar *histórias* que narram trechos do interior paraibano? Por que de alguma forma me dimensionam a perceber como somos atravessados por efeitos de verdade, enquanto indivíduos, estamos para regras de condutas, na obediência ou resistência das interdições, e a escola é um belo palco de improvisação dessas relações, e nela se forja ininterruptamente relações de gênero e sexualidades que permanecem nessa zona cinzenta e tênue das negociações de identidades. Que borram qualquer essencialismo entre o que vestimos, usamos, falamos, agimos e vivenciamos.

No decorrer desse texto buscamos pensar categorias como gênero, sexualidade e identidade, de forma aberta, móvel, contextual e plural. Aparatos culturais travestidos de naturalidade, que escapam de esquemas binários e centralizados de classificação e delimitação do feminino e masculino, em salas (extra) escolares. Para tanto, trabalhamos com uma escola pública do interior paraibano como campo de investigação, a saber, a escola Padre Simão Fileto da cidade de Cubati-PB.

Por meio de entrevista oral gravada, uma ex-aluna e professora de História da escola, nos narrou histórias de vida, que somadas a de outros sujeitos escolares, sendo esses professores(as), diretoras, alunos(as), secretários(as), que narraram relações de gênero e sexualidades, nesse cenário escolar, possibilitou uma sensibilidade diferente de enfrentamento de preconceitos, estigmas e estereótipos presentes no cenário escolar, como adequação performática.

No mais, apontamos a riqueza do trabalho com memórias e fontes orais, a partir de autores que fazem de suas teorias, práticas agenciadoras. Enriquecendo campos de investigação pouco explorados pelo discurso historiográfico, como o cenário da escola e das interações humanas no seu interior, possibilitando um novo olhar para as pedagogizações do corpo, (des)construindo papéis e identidades sociais entendidas e ditas de forma negativa no cotidiano escolar e vida a fora. Por novas e respeitosas relações de gênero.

Referências

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Tradução: Renato Aguiar. _ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

BRITZMAN, Deborah. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade/* Guacira Lopes Louro (Org.); Tradução dos artigos: Thomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

CERTEAU, Michel de. A Operação historiográfica. In: *A Escrita da História*. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1982. p. 65-119.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. “Estudos Culturais, Educação e Pedagogia”. In: *Revista brasileira de Educação*. 2003, n.23, PP. 36-61.

COSTA, Marisa Vorraber; MONO, Mariangela. “Sobre a ‘conveniência’ da escola”. In: *Revista Brasileira de Educação*. 2009, n.42, v.14, PP. 521-604.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto. Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

HALL, Stuart. *A Identidade Cultural na Pós-modernidade*. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HARTOG, François. *O espelho de Heródoto: ensaio sobre a representação do outro*/ Tradução de Jacynho Lins Brandão. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

LAGROU, Pieter. “Sobre a atualidade da História do Tempo Presente”. In: *História do Tempo Presente*/ Gilson Pôrto Jr. (org). Tradução de Norma Domingos. – Bauru, SP: Edusc, 2007, PP. 31-63.

LOURO, Guacira Lopes. “Pedagogias da sexualidade”. In: *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*/ Guacira Lopes Louro (Org.); Tradução dos artigos: Thomaz Tadeu da Silva – Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MULLER, Ricardo Gaspar. “História e Narrativa”. In: *História do Tempo Presente*/ Gilson Pôrto Jr. (org). – Bauru, SP: Edusc, 2007. PP. 65-84.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*/ tradução: Alain François [ET AL.]. – Campinas, SP: Editora da Unincamp, 2007.

ROUSSO, Henry. “A história do Tempo Presente, vinte anos depois”. In: *História do Tempo Presente*/ Gilson Pôrto Jr. (org). Tradução de Norma Domingos. – Bauru, SP: Edusc, 2007. PP. 277-309.



TADEU, Thomaz Tadeu da. *Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo.*
Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

